

## VidasVentanas: janelar entre tão divulg(divag)ação

Elenise Cristina Pires de Andrade ([nisebara@uol.com.br](mailto:nisebara@uol.com.br))  
(<http://lattes.cnpq.br/9746837191444836>)

Sheyla Cristina Smanioto Macedo ([sheyla.smanioto.macedo@gmail.com](mailto:sheyla.smanioto.macedo@gmail.com))  
(<http://lattes.cnpq.br/7484678366674790>)

Susana Oliveira Dias ([susana@unicamp.br](mailto:susana@unicamp.br))  
(<http://lattes.cnpq.br/5698405999655776>)



Imagem 1 - Fotografia Alik Wunder. Montagem Elenise Andrade

*Mas por que controlar, prever, se depois o mundo não se deixará reter? Perder de vista o real é imprescindível em uma condição de dissolução do mundo, melancólica e para a qual a realidade é incompreensível. Há perda de contato, perda de significado cujos efeitos são sentidos pela montagem e por uma narratividade sem limites, com imagens justapostas, que multiplicam as ações e as dispersam. Os encontros possíveis estão no intervalo entre imagens, no vazio e no silêncio.* (AMORIM. 2008. p. 19)

Um textoescritapesquisa que se tece, entretece, esquece e aquece em torno da janela, do janelar, do querer velar e desvelar, como a cortina que, dançando com o vento, mistura dentro por aí a fora. Que quer convidar, ser convidado, a desmontar dados e despedaçar a janela em sóis que nascem nas janelas (do computador? Telas, imagens, olhos?) pela invasão de cores, sombras, texturas, sons, vãos, ventos – sensações transumanas – capazes de arrastar ciências, culturas, conhecimentos, pensamentos, divulgações, aprendizados para além. Além das determinações, fixações e limites impostos

na contemporaneidade. Como janelar por janelas que nos pressionam a fixar, classificar, medir, representar? Trans-gressões? Trans-ações? Como perder-se nas paisagens que as janelas teimam em achar?



Imagem 2 - Imagens da peça teatral “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo” (2008). Fotos e montagem Alik Wunder

Nesses quase três anos de vivência em ações de intervenção nas ruas e escolas com o projeto “Biotecnologias de rua”<sup>1</sup>, intensificamos as conexões em pesquisas com/nas imagens e a divulgação científica. A *performance* “Realejo das imagens”<sup>2</sup> (2007), a peça teatral “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”<sup>3</sup> (2008) e, já em outro projeto de extensão<sup>4</sup>, a instalação-evento “Num dado e-vento: Biotecnologias e culturas em texturas, vãos, sombras, cores, sons...” (2009) foram momentos intensivos em que as imagens foram se multiplicando em pesquisas e ações e a divulgação científica foi agregando e rejeitando algumas conceituações que comumente são a ela designadas, como, por exemplo, a ideia de que as imagens “ajudam” a explicar, a propagar conhecimentos. Nossa aposta em ação e pesquisa é que

1 O projeto de pesquisa, ação e intervenção “Biotecnologias de rua” é coordenado por Carlos Vogt. (No. do processo: 553572/2006-7) e está inserido em um edital de popularização da ciência (Edital MCT/CNPq n. 12/2006 Difusão e Popularização da C&T). Neste projeto, reúnem-se pesquisadores e artistas das mais diversas áreas, momentos de formação, e que são vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp), à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-Unicamp). Mais detalhes sobre os objetivos e propostas do projeto em VOGT et al (2008).

2 Mais detalhes em DIAS (2007).

3 Mais detalhes em ANDRADE et al (2008).

4 O projeto “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo” é uma expansão do “Biotecnologias de rua” e é coordenado por Wenceslao Machado de Oliveira Júnior e sub-coordenado por Susana Dias, Elenise Andrade e Alik Wunder (Convênio 519-292/auxílio 803-08) no edital PEC 2008, tendo financiamento da Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) da Unicamp.

poderíamos ter uma outra possibilidade – a de que as imagens podem divulgar sem explicar, sem representar, mas movimentar pensamentos de criação e também de produção de conceitos/conhecimentos.



La cascade, René Magritte,  
1961, coleção particular.

Como trans-passar pela janela, por *las ventanas*, *through windows*, ventar, eventar, *event*, acontecimento<sup>5</sup>. Qual seria o movimento trans ao pensarmos em uma específica janela: teria movimento vento-dançante, movimento? Um vento virtual? Ou real? Caberia essa indagação: concreto/imaginário? (Ou ela sobra, trans-borda?) Trans-ito, talvez. Propostas em transitar não na possibilidade de escolher uma das pílulas oferecidas por Morpheus a Neo, em Matrix<sup>6</sup>, mas na potência criativa na afirmação de existência das duas pílulas para o mundo, seja ele 'cyber' ou não. Proliferar pensamentos como as crianças do século XXI fazem tão bem: existe banco para pegar dinheiro fora da internet? Politização das ciências e tecnologias que passa por desestabilizar os sentidos já dados, por revolver as relações, separações, hierarquizações já dadas entre ciências, artes e divulgações.

---

5 Nossa vontade nesses pensamentos escritas é com o conceito deleuziano de acontecimento (DELEUZE. 2006c), em que o filósofo francês apresenta as (im)possibilidades de previsão, fixação, comunicação de uma expressão que se expressa ao acontecer. Somente, e exatamente, nesse momento impreciso, efêmero, infinito. Acontecimento que “se” faz sem o “se”, assim como “se” expressa ao acontecer.

6 Em Matrix (direção e roteiro de Andy Wachowski e Larry Wachowski, 1999), um pouco antes de conhecer a realidade por trás da Matrix, Neo (Keanu Reeves) tem a oportunidade de nada conhecer. Essa colocação de destino é realizada por Morpheus (Laurence Fishburne) que lhe apresenta tais possibilidades na escolha entre duas pílulas: a azul e a vermelha. Se Neo escolher a azul sua vida continuará igual (ou a mesma, ou do mesmo jeito, ou então conhecendo as mesmas coisas de antes da mesma forma). Se a vermelha for a escolhida, o “deserto de real” a ele se apresentará da forma drástica, destruidora e aterrorizante.

Potência da criação nos encontros, nas inúmeras possibilidades do vir a ser e não na fixação do “já acontecido”.

Não estamos, de modo algum, renegando tantas e tão interessantes, potentes e importantes conceituações, pesquisas, pensamentos, desdobramentos acerca da cibercultura<sup>7</sup>, do ciberespaço, das inúmeras e impensáveis configurações (até pouquíssimos anos) de imagens, circulação de informações, memórias, armazenamentos de dados, (des)controle das sensações, do orgânico, do humano, do transumano. O que pretendemos aqui é uma ampliação das fronteiras buscando zonas cada vez mais híbridas, impuras, desconcertantes, atípicas, caóticas e, por isso, infinitamente criativas: ventos que as façam dançar, vida em potência. Vi(n)da de uma trans-textualidade que, como convida o tema desta edição da **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, possibilita escrituras em tramas, recortes, confusões de “(...) realidades concretas e virtuais, sujeitos e objetos”<sup>8</sup>.

Os sentidos desatados, quando se nos apresenta qualquer centelhar poético, nos permitem entrever o sentimento de que é feito o universo, a despeito da incansável reiteração da sensação de realidade que define o estar imerso num mundo de conceitos fixos (quadros-quadrados dissolvidos na paisagem?). Esta sensação, quando intensificada a ponto de se estender à própria materialidade das coisas, no hermetismo das sensações que logo se desata na memória, de traços dançantes, faz-nos sentir o caráter impositivo da realidade, a todo instante reiterando seu quê inextrincável: nossos limites. Espreitando para, na melhor circunstância, despedaçar o real, os paradoxos e as ironias se afiguram como forças de resistência a esta impossibilidade do real, constituindo-o essencialmente como única forma de contrapô-lo: prestes a saltar, desejam a ocasião.

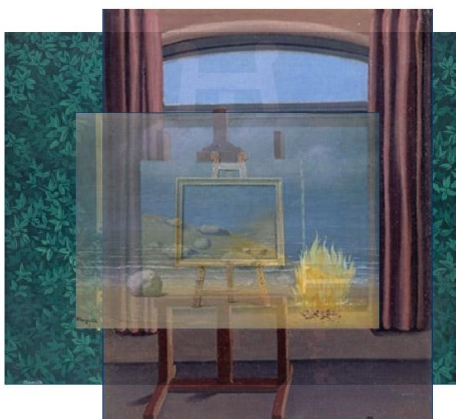
---

7 Atentamos para a definição que Lévy (1999) estabelece para ciberespaço: “(...) espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p.92), dizendo que a marca distintiva desse espaço é a codificação digital.

8Disponível em: [http://www.rafrom.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=256&Itemid=8](http://www.rafrom.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=256&Itemid=8)  
7. Acesso em: 28 mai 2009.

Tentando uma ironia, um paradoxo, a instalação-evento “Num dado evento: biotecnologias e culturas em texturas, vãos, sombras, cores, sons...”<sup>9</sup> – que aconteceu no Centro Cultural de Inclusão e Integração Social da Unicamp (CIS-Guanabara), em Campinas, São Paulo – quis estraçalhar a imposição que configura o real pela dissipação daquilo que ele tem de mais íntimo, isto é, as sensações. Se o real, a todo instante, argumenta sua condição de realidade, a exposição tentou, literariamente, argumentar a sua além dos limites dele: proporcionando um deslizar por entre as saias-véus que dançavam com o vento (cortinas?) que espreitava pelas frestas, fazendo dançar as imagens-projeções de motivos biotecnológicos que nelas incidiam; deixando entrever, pelos fofolitos que dividiam sem desintegrar as estações e deixavam flutuar imagens que interrompiam sua transparência; e as imagens, escalando pelas paredes em projeções que perdiam o rumo pela intervenção de espelhos; e as roupas brancas que convidavam as imagens a nos tocar e, tendo parte, fazer parte, para brincar com os limites do corpo, transformando-o pela projeção, integrando-o para não ser mais corpo-limite.

Contraposição? Posições contrárias? Árias em posições? Várias posições, talvez, ao mesmo tempo, ventos, ventanas, ventanias que se dispersam.



9 Instalação-evento que fez parte das ações do projeto “Biotecnologias de rua” e “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”. **FICHA TÉCNICA - Criação:** Alik Wunder, André Malavazzi, Carolina Ramkrapes, Carolina Cantarino, Elenise Andrade, Fernanda Pestana, Glauco Roberto, João Arruda, Thiago la Torre, Susana Dias, Sheyla Smanioto Macedo. **Assessoria de montagem:** Marli Wunder, Odair Mechi Soares, Renato Salgado de Melo Oliveira. **Figurino:** Marli Wunder e Maria Nadir de Quadros. **Sonoplasta:** João Arruda. **Artista Visual:** Thiago La Torre. **Designer:** Fernanda Pestana. **Sub-coordenação:** Susana Dias, Elenise de Andrade e Alik Wunder.



“Pela janela do quarto,  
Pela janela do carro,  
Pela tela, pela janela,  
Quem é ela?  
Quem é ela?  
Eu vejo tudo  
enquadrado.  
Remoto controle...”

Dispersão  
em  
cascatas,  
condições,  
cativeiros?  
Trans-parências...

(versos da canção “Esquadro” – Adriana Calcanhoto)

Uma aposta de acolhimento e esvaziamento, do vazio e da transparência. “O problema da vida humana não é mais escapar das aparências, não obstante nelas se elevar e saber permanecer”, nos incita o filósofo François Zourabichvili em seu fabuloso artigo “O jogo da arte” (2007. p.100).

Leveza insustentável sem pretender o entendimento exato, preciso, representado. Acolher sensações e tirar do vazio um significado à priori. Sustar o susto de preencher. Non-senses que esvaziam o vazio e dão vãos à divagação. Ventar as sensações, os conhecimentos, o público-autor, os objetos. Sustar a linearidade e coerência como fundamentos imprescindíveis a uma educação. Sustar a explicação.

E assim, caminhando por entre cortinas-imagens brincando de esconder-mostrar, trans-parecer, motivos que reiteravam, a todo instante, uma sensação de irrealidade, por vezes de impossibilidade, chegávamos a uma última estação (no sentido espacial) onde esperavam, desalinhados, computadores com janelas-portais que nos propunham levar a outras paisagens: as do blog do Calçadão<sup>10</sup>.



La condition humaine, René Magritte, 1935, coleção particular.

<sup>10</sup> O blog Calçadão faz parte do portal Biotecnologias de Rua e pode ser acessado no endereço: <http://www.labjor.unicamp.br/biotecnologias/labjor>

A estação de computadores, montada em “Num dado e-vento”, configurou um espaço de escrita-imagem dentro do próprio evento por aqueles que o visitavam, tentando um jogo sem-controle de alternâncias entre aquilo que é e aquilo que quer ser, em que a linguagem no real é pervertida pelo laborar de uma etérea sensação de impossibilidade e a linguagem computacional dos blogs trabalha por uma ambiência caótica, desordenada, que remete à realidade das ruas. A instalação propunha uma desestabilização do real enquanto instância produtora de conhecimentos, enquanto irrestritamente confiável, tentando e se deixando tentar por janelas que permitissem alternar descontroladamente os ambientes da instalação-evento e do blog. Janelas que Maurizio Lazzarato (2006) entende estarem presentes no conceito de mónada que Tarde amplia a partir do de Leibniz. Infinitas mónadas com infinitas entradas-saídas multiplicando infinitamente as possibilidades de serestares e(m) mundos.

*A diferencia de las mónadas de Leibniz, las mónadas tardianas no son una “cámara oscura donde el mundo aparece como en una reducción y bajo un ángulo especial”(TARDE. 1999. p.56), sino un mundo en sí o que aspira a convertirse en eso, que produce su propia temporalidad y su propio espacio, en lugar de existir en un tiempo y en un espacio universales. Las mónadas están abiertas, tienen puertas y ventanas y actúan unas sobre otras. Las mónadas “se interpenetran recíprocamente en lugar de ser exteriores unas a otras” (LAZZARATO. 2006. p. 54).*

Aberturas, fechamentos, frestas, festas por que não? O público-autor que visitou o e-vento sustou assustando-se com o imponderável para uma “exposição de divulgação científica”. Que potencialidades emergiriam se a divulgação científica fosse capaz de abrir vagas, que resistissem a qualquer tentativa de preenchimento, como se fossem uma brecha para um tempo morto, coagulado, para as não imagens, para as não linguagens? Estranhamentos. Entranhamento. Movimentos repetidos que agitam e abalam o dado das imagens, dos artefatos, das palavras, das representações, do público-autor. Multiplicar a potência criativa dos atravessamentos, arrombamentos, das aglomerações e(m) imagens que se alastram pela contemporaneidade em uma hibridização caótica e pretender o susto.

Divulgações-divagações-fabulações científicas por entre bios-tecnos-logias que investem num descentramento do pensar as biotecnologias e os modos como essas associações técnico-científicas investem na vida, na morte, no emprego, na velhice, na família, no humano. “Há que se colocar em jogo outro conceito de vida (de vivo) para compreender a potência que tentam modular essas técnicas [biopolíticas]” (LAZZARATO. 2006. p. 89).

Outros mundos, outros conceitos que estendem e deixam à partícula “se” uma ex-tensão. Se os mundos “se” estenderem, talvez ainda continuem com algumas prepotências em generalizações, pois a extensão caberia a todos os outros mundos. Lazzarato (2006), provavelmente, aproximaria esse movimento do conceito de coletividade – um conjunto de delimitações que se aproximam e se unificam, literalmente. Nossa aposta, com/no e-vento, foi uma ressonância com a multiplicidade. Janelas que passam, deixam passar, passam-se por deixarem passar. Fluxos. Mónadas com ventanas!

*En la filosofía del acontecimiento del siglo XX, cada mónada es entonces un universo virtual, un mundo posible, y los mundos posibles se comunican entre ellos (...). Al abrir las mónadas, Tarde desarrolla una filosofía del tener, de la apropiación, de la posesión (que se convertirá en una teoría de la «captura» en Deleuze) como propiedad constitutiva de las singularidades (LAZZARATO. 2006. p. 54).*

Singularidades pulsantes, vibrantes, em conversas com as janelas de Magritte, o quadro enquadrado pela janela nos põe diante do abismo – *mise-en-abîme* quantos quadros espreitam na paisagem, dissolvidos, indissolúveis? Quantas janelas abrimos/fechamos no estranhamento que algumas pessoas deixaram marcados ao visitarem o e-vento? No planejamento, nas discussões sobre o

lugar/papel das imagens, das cores, das palavras/poemas, dos fotolitos, talvez estivéssemos pul(s)ando em infinitas mónadas de sentidos espa(e)lhados pelos vãos do CIS Guanabara.

Instalação “Num dado e-vento” (2009), CIS-Guanabara

Fotografia de Alik Wunder





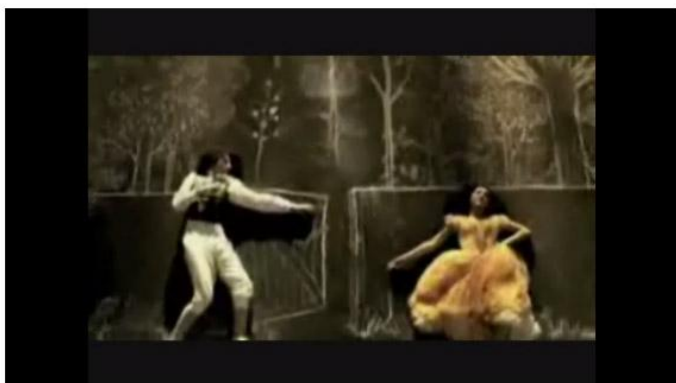
## O QUE PODE UMA JANELA E(M)-VENTOS? *Qui peut une fenêtre dans un é-vent-ement?*<sup>11</sup>

Falamos tudo e ainda  
há o que  
silenciar  
(VOGT. 2008. p.41)

Uma inspiração do e-vento que veio (e foi) com esses pensamentos de vazios-frestas e transparências e dança e jogo e humor. Estranhamentos: espanto diante do detalhe (impensável?). Danças entrejogos, jogos entre-humores, humores entredanças: sempre entre, como o aposto entre-vírgulas e a aposta entre-acasos. Entre amores em muros que seriam giz. Riscos de giz. Traços. Tranças. Trans-ados por entre os olhos de Capitulina. Capturados? Para escapar, ex-capa de Bentinho ao dizer a Capitu, na cena que se congela a seguir, sobre sua ida para o seminário<sup>12</sup>.



*Não  
falamos nada, o muro falou por  
nós (Machado de Assis, Bento,  
“Velho”<sup>13</sup>)*



*“Tarde de vento. Até as  
árvores querem vir para  
dentro”  
(haikay de Leminsky)*

11 *événement* = evento, vent = vento.

12 As imagens a seguir são frames de uma parte da microsérie “Capitu”, exibida e produzida pela Rede Globo de Televisão em dezembro de 2008. Direção de Luiz Fernando Carvalho baseado na obra de Machado de Assis (Dom Casmurro).

13 Frase dita pelo personagem Bento, não como adolescente, mas como Dom Casmurro.

“A inscrição” foi a escolha de Machado de Assis para falar das marcas do amor. Superfície amorosa que, nas telas da TV, dos monitores, desliza por pixels que não são pó de giz, mas se permite inscrever. Superfície que, com Foucault, nos anima Deleuze, torna-se essencialmente superfície de inscrição, sendo “(...) todo o tema do enunciado ‘ao mesmo tempo não visível e não oculto’. Visibilidade que não se opõe ao desvelamento nem ao ocultamento, pois se não houver a constituição de uma superfície de inscrição, o não-oculto permanecerá não-visível” (DELEUZE. 2006b. p. 109).

Encantarmo-nos com Deleuze e sua metafísica dos “(...) jogos epidérmicos da perversidade (...)” como nos brinda Foucault (2000. p.234) ao comentar sobre as obras **Diferença e repetição** (2006a) e **Lógica do sentido** (2006c). Fraturar as barreiras epidérmicas, suspender as regras prévias do jogo. A diversidade das diferentes linguagens apresenta-se a nós como uma aposta nas intervenções e pesquisas com as imagens, uma das escolhas do projeto que geram fugas às formas como tradicionalmente as biotecnologias são divulgadas e deflagram jogos em que a potência da divulgação científica não ocorre pela comunicação-reconhecimento das ciências, nem das biotecnologias, mas em rupturas na linearidade real e o que se vê, o que se imagina real, científico, e o que se pensa ver. Dados. As imagens, “máquinas que nos constroem a pensar no jogo da representação” (AMORIM. 2007. p. 5), tornam-se mobilizadoras de novas buscas que sejam capazes de potencializar uma produção teatral-imagética-sonora que pode deflagrar novos sentidos entre biotecnologias, arte, comunicação, vida e política.

*Qui peut une fenêtre dans un é-vent-ement?* Talvez Gilles Deleuze (1970) ao se encantar com Espinoza<sup>14</sup> nos ajude:

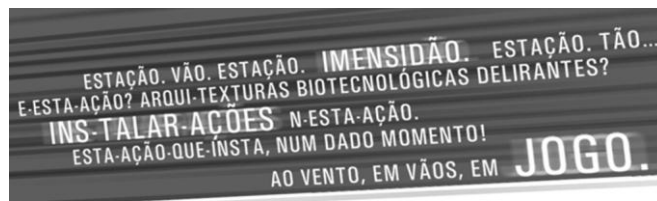
(...) nós falamos da consciência e dos seus decretos, da vontade e dos seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões – mas não sabemos realmente o que pode um corpo. Tagarelamos, à falta de o saber (DELEUZE. 1970. p. 26).

E como tagarelamos! E também pesquisamos, escrevemos, lemos, fotografamos, competimos, sonhamos, rimos, choramos, ensinamos,

---

14 “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer”. Ética, III, 2, escólio (SPINOZA. 2008. p. 167).

desenhamos, contornamos! Fabulamos, poetizamos, permitindo-nos ventar pelas ventanas, janelar e soltar palavras ao vento que saltam da boca pela janela entredentes: o que pode uma janela e(m)-ventos?



NUM DADO @-VENTO

biotecnologias e culturas  
em texturas, vãos, sombras, cores, sons...

A imagem acima apresentada foi uma criação da designer e aluna Fernanda Pestana junto com a equipe-ideias-pensamentos que pretendiam espalhar os ventos e os dados por entre as pessoas, convidando-as a visitarem o e-vento. A escolha do nome, suas (des)continuidades após os dois pontos, os riscos ventados pelas letras sombreadas que passeiam pelos vãos do CIS Guanabara. Os dados, os jogos, o acaso estão em nossa companhia há algum tempo/escrita/pesquisa/ sensação: tão de perto que demais nos tocam.

Atualmente, talvez no que se possa chamar de ênfases da pós-modernidade, encontramos imagens cujo jogo de forças perturba-se entre a melancolia e a narrativa cíclica. *O real simplesmente sobrevive*, ele é vigiado apenas, não há reelaboração da realidade – esta continua em sua condição bruta – pois não se trata de reconstituir o mundo, mas de o vigiar (AMORIM. 2008. p. 19)

A instalação-evento foi (des)montada, (des)pensada, (des)in-ventada com os registros – imagéticos e sonoros – da performance teatral “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”<sup>15</sup> que propôs um imenso jogo de

---

15 **FICHA TÉCNICA - Direção e Roteiro:** Grupo Parada de Rua (Equipe: André Malavazzi, Carolina Cantarino, Elenise Pires de Andrade, Maria Cristina Bueno, Marcelo Lírio e Susana Dias). **Figurino e cenografia:** André Malavazzi, Gabriela Chiarelli, Fernanda Pestana, Carolina Cantarino e Susana Dias. **Atores:** Marcelo Lírio (cientista) e Maria Cristina Bueno (pessoa-dado). **Produção:** Projeto "Biotecnologias de rua", financiamento CNPq, Labjor e FE da Unicamp

enormes dados com o público. Dados que em suas faces apresentavam imagens e palavras e que convidavam a poemar futuros, humanos, biotecnologias, ruas, pensamentos, conhecimentos: que palavra você levaria para o futuro dos humanos? Questão lançada ao vento! Um jogo em que palavras que saíam nos dados eram misturadas às palavras dadas (jogadas?) pelo público num imenso-intenso poema pintado em plástico: rio de palavras atravessando tempos e paisagens. O futuro está dado? Se não está dado é jogo? Que regras in-ventar? In-tensões intensas em desestabilizar o “dado” – informação, determinação, jogo – que movimenta a maquinaria biotecnológica (revistas, jornais, pesquisadores, filmes, laboratórios, propagandas, conhecimentos, culturas).

E, entre, que, querer, outro, outra, tão, um, uma. A escolha das palavras que junto com as imagens comporiam os dados nos mobilizou a pensar nos jogos de (sem)sentidos que se dão entre. Entre palavras, entre imagens, entre sons, entre palavras, imagens, sons. ENTRE. (Não antes ou depois da janela, mas nela).

É o método do ENTRE, “entre duas imagens”, que conjura todo o cinema do Um. É o método do E, “isso e então aquilo”, que conjura todo cinema do Ser=é. Entre duas ações, entre duas afecções, entre duas percepções, entre duas imagens visuais, entre duas imagens sonoras, entre o sonoro e o visual: fazer ver o indiscernível, quer dizer a fronteira (*Six fois deux*). O todo sofre uma mutação, pois deixou de ser o Um-Ser, para se tornar o “e” constitutivo das coisas, o entre-dois constitutivo das imagens. O todo se confunde então com o que Blanchot chama de força de “dispersão do fora” ou “a vertigem do espaçamento”: esse vazio que não é mais uma parte motora da imagem, e que ela transporia para continuar, mas é o questionamento radical da imagem (...)” (DELEUZE. 2005. p. 217).

As palavras, nos dados, foram pensadas de modo a não significarem as imagens, antes criarem nelas uma suspensão das significações já dadas, nas imagens, nos dados. Abertura de brechas, vazios, nas imagens-palavras-biotecnologias-divulgações para a proliferação de (sem)sentidos cuja efetuação aconteceria no possível encontro com o público. Ventanias em ventanas. Jogos de vazios. Jogos que nunca se fecham, que abrem à variação infinita. Para José Gil (2005) a comunicação, que ele chama de “osmose estética”, pode ser entendida como “a transferência e mistura de vazios” (p.29). Vazios que

impedem o preenchimento, a completude, a totalização. Vazios que abrem às tensões, permitindo uma circulação infinita de forças, fluxos, conhecimentos: “em que possível se reúne ao infinito” (p.32). Uma aposta política de que a relação entre imagens, ciências e público teria uma potencialidade distinta nas fugas ao reconhecimento e identificação das biotecnologias. Em expor o rosto ao e-vento frio da incomunicabilidade para, quem sabe, fazer nascer algo comunicável pelas sensações.

A filosofia do acontecimento como possibilidade de se instalar no novo terreno de luta: onde se enfrentam as lógicas e práticas de criação e expressão versus as lógicas e práticas de comunicação e informação. Comunicação e informação atuam, desde dentro da criação, garantindo a unidade do mundo, impedindo que múltiplos mundos se façam possíveis. Na comunicação/informação está tudo dado: sujeito, objeto e os meios linguísticos de sua representação. Cerceando a multiplicidade. Neutralizando e domesticando o acontecimento. “Trata-se de neutralizar o acontecimento, domesticá-lo, de reduzir o imprevisível, o desconhecido, da relação acontecimento (expressiva e de linguagem) ao previsível, conhecido, hábito da comunicação” (LAZZARATO. 2006. p.144).

Potência política da multiplicidade que, parece-nos, junto a Lazzarato (2005/4) não é potencializada quando colocada no “coletivo”. Coletivo que, ainda segundo o filósofo italiano, fixa-se nos dualismos dialéticos, aparelhos de captura e controle da multiplicidade e acontecimento. Assim, aposta na desconstrução da dialética, de seus conceitos binários, cujo cerne está na relação sujeito-objeto.

A possibilidade de pensar o universo sob a “forma cada” (“*eaches, everys, anys*”) e não na forma da “unidade coletiva”, a possibilidade de uma doutrina que admite a multiplicidade e o pluralismo, uma que “signifique simplesmente que as diversas partes da realidade **possam sustentar as relações exteriores**” (JAMES.1914. p.160). As relações são, assim, livres de todo fundamento, de toda substância, de toda atribuição essencial e os termos podem ser independentes das relações. As coisas se reportam umas às outras de mil maneiras, mas não existe uma relação que encerre todas elas, não há um ser que contenha todas as outras. Cada relação exprime somente um aspecto, uma das características ou **funções** de uma coisa. Deleuze falará de uma “essência operatória” para distingui-la do conceito clássico de essência (...). “Uma mesma coisa pode



pertencer a sistemas diferentes” (JAMES. 1914. p.160), ela pode entrar em uma composição, em uma unidade, sem, no entanto, ser completamente determinada por essa unidade, por essa composição (LAZZARATO. 2004/5. p. 106) (grifos do autor).

Foi na busca de potencializar esses aspectos que buscamos janelas entre as fotografias de Alik Wunder, tiradas durante as apresentações da performance teatral “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”. Janelas a pretender desprendimentos, desemolduramentos, despregamentos, desentendimentos dos desejos fotográficos de eternizar o passado, provar o que aconteceu, deixar marcas de vivências, abrir janelas para o passado. Janelar por entre fotografias projetadas nas paredes. Convite aos visitantes instalarem-se nas imagens. “É como se estivéssemos dentro de um computador. Jogando dentro do computador”, disse uma criança. “Parece que a gente esta numa animação”, dizia outra visitante. Fotografias-projeções-corpos-paredes-plásticos que queriam perder sua vontade de reter o tempo e criar possibilidades de instauração de instabilidades e variações temporais. “A fotografia como passagem, uma janela-superfície em que acontecimentos passam, passam-se, atravessam e são atravessados por vidas. Como passar e pensar por este mundo retangular, plano e liso que as imagens nos oferecem?” (WUNDER. 2008. p.110). Confusões entre real e imaginado, entre dentro e fora dos computadores-telas-mundos, entre humanos-imagens-sons-palavras.

Num dado e-vento. Muitas, múltiplas, e-venções, inventadas por entre sensações, vontades de ver os cheiros, mastigar as tonalidades, escutar as texturas, ventar um e-vento. Vento que, primeiro, espreita pela janela, soprando-sussurrando baixinho, e depois vem transcorrer as cores, em boas-vindas apresentadas ao público-participante junto às produções musicais realizadas pelo artista João Arruda na voz grave e séria de um comentarista de TV que vai dançando junto aos sons, aos tules, pensando/dançando/pensando/dançando... Janelas!

Boa noite! Bem vindo aos ventos, cores e sons deste “Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em texturas, vãos, sombras, cores, sons...” Pelas paredes, vão e chão deste espaço: clones, terapias genéticas, alimentos transgênicos, maravilhas marcantes que iluminarão sua vida e seu século. Imagens e sons das mais diversas origens e finalidades da

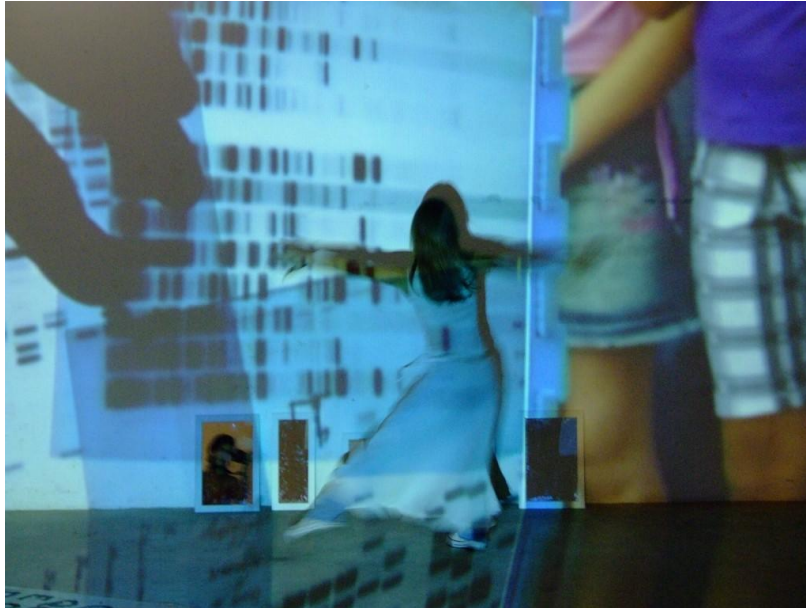
divulgação científica, da arte, das mídias, das ruas, de muitos lugares existentes... ou não. Venha e aproveite as novidades que esse espaço da estação Guanabara lhes oferece – jogos, luzes, músicas, poesias, fotografias, pessoas e objetos que pretendem tocá-lo e serem tocado por você. Peço agora um minuto de atenção para algumas instruções: - ao final desse corredor teremos roupas brancas e, se são roupas, precisam ser... vestidas, sim; após o corredor vocês terão opções de sair pelo lado direito ou esquerdo e a instrução é... escolha qualquer lado!; fotografem e filmem o que quiserem e, ao final teremos computadores disponíveis para que vocês descarreguem (se quiserem) tais fotos e filmes; pense, dance! pense, dance! pense, dance! dance! dance! dance! dance! pense, dance! pule! pule! pule! pule com o tule ! Aproveitem e boa viagem!<sup>16</sup>

Aproveitar não somente a viagem, mas o viajar (entremeio entre partir e chegar). O verbo in-trans-itivo. *Trans* desde dentro. *In*. Vento quase-jogo a invadir a escrita que invade o jogo. "Você passou perto de mim. Sem que eu pudesse entender" (Márcio Buzelin). E-ducar? Uma volta no 'a' e temos o @; uma outra (ou a mesma?) volta no 'e' e temos 'o'; como enovelarmos uma educação tão preocupada com decorebas ao invés de decorações? Em fixar conhecimentos em conceitos ou invés de multiplicar as sensações e(m) fenômenos? Ventos-texturas-olhares. Irrupção, transbordamento, de um vento-tempo livre dos estados de coisas. Potência e(m) caos. E(m) caos? Impossibilidade do acaso se concretizar. Potência do irrealizável. Pura abertura ao imprevisível, ao improvisado: que olha entre.

Foi de incerta feita — o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela (ROSA. 1988. p.13)

---

16 Texto criado por Elenise Andrade e que foi gravado para a primeira faixa do CD – “Sons ao e-vento” (2009). **FICHA TÉCNICA: Composições, programação, efeitos, vocais, violão e percussão:** João Arruda. **Gravações:** João Arruda e Pedro Romão. **Mixagem:** Pedro Romão e João Arruda. **Masterização:** Pedro Romão. **Narração:** Carlos Francisco Valverde, Cristina Bueno, Elenise Cristina Pires de Andrade e Marcelo Lírio. **Participação Especial:** Alexandre Lemos na percussão corporal e efeitos vocais. **Gravado, mixado e masterizado:** estúdio da Valverde Arte & Cultura. **Criação de textos:** Alik Wunder, Elenise de Andrade e Susana Dias. **Designer:** Fernanda Pestana **Projetos** “Biotecnologias de Rua”, “Num dado moment: biotecnologas e cultras em jogo” e “Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias”. **Produção:** Labjor e FE – Unicamp. **Apoio:** CNPq, Preac-Unicamp, Fauf, MEC/MINC, Governo Federal. **Promotora:** UFMT. **Patrocinador:** Petrobras.



Instalação “Num dado e-vento” (2009), CIS-Guanabara  
Fotografia de Alik Wunder

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elenise C. P. et al. Fotografias jogam dados: explosões (s)em sentidos. *IN: 60ª Reunião Anual da SBPC, 2008, Campinas. Anais eletrônicos da 60ª Reunião Anual.* São Paulo: SBPC/Unicamp, 2008. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/60ra/resumos/resumos/R3843-1.html>>. Acesso em: 30 mai 2009.

AMORIM, Antonio Carlos. Gritos sem voz. *IN: MACEDO, Elizabeth, MACEDO, Roberto S. e AMORIM, Antonio Carlos (Orgs). Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?* Campinas/SP: F.E. Unicamp, 2008.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Teias.* Rio de Janeiro, ano 8. n. 15-16, jan-dez 2007.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição.* 2ª ed. São Paulo: Graal, 2006a.

DELEUZE, Gilles. *Conversações.* 1ª ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2006b.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido.* Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006c. (Estudos; 35/dirigida J. Guinsburg).

DELEUZE, Gilles. *Espinoza e os signos.* Trad. Abílio Ferreira. Porto: Rés-Editora, 1970.

DELEUZE, Gilles. *A imagem tempo.* Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense. 2005. (Cinema 2).

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido.* 4.ed., 2.reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

DIAS, Susana O. Pessoas, ruas, imagens e biotecnologias em realejo. Revista da Associação Brasileira de Ensino de Biologia, número especial, 2007.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. (Ditos e escritos II). 1ª edição. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

GIL, José. (2008). Ritornelo e imanência. In: LINS, Daniel; GIL, José (Orgs). Nietzsche/Deleuze: jogo e música. VII Simpósio Internacional de Filosofia. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008. p. 125-141.

LAZZARATO Maurizio. Multiplicité, totalité et politique. In: Multitudes 2004/5, 23, p. 101-113. Disponível em: [http://www.cairn.info/article.php?ID\\_REVUE=MULT&ID\\_NUMPUBLIE=MULT\\_023&ID\\_ARTICLE=MULT\\_023\\_0101](http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=MULT&ID_NUMPUBLIE=MULT_023&ID_ARTICLE=MULT_023_0101). Acesso em: mai. de 2009.

LAZZARATO Maurizio. Por uma política menor – acontecimientos y política em las sociedades de control. Madrid: Traficante de sueños, 2006.

LÉVY, Pierre. Cybercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROSA, Guimarães. "Famigerado". Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. Disponível em: [http://www.releituras.com/guimarosa\\_menu.asp](http://www.releituras.com/guimarosa_menu.asp). Acesso em: mai. de 2009.

SPINOZA. Ética. Belo Horizonte : Autêntica Editora. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2008

TARDE, Gabriel. Monadologie et sociologie. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 1999.

VOGT et al. Biotecnologias de rua. IN: ALBORNOZ, Mario; VOGT, Carlos; ALFARAZ, Claudio (Orgs.) Indicadores de ciencia y tecnologia en iberoamerica - agenda 2008. 1ª ed. Buenos Aires: REDES, 2008.

VOGT, Carlos. Poesia reunida. São Paulo: Landy, 2008.

ZOURABICHVILI, François. O jogo da arte. IN: LINS, Daniel (Org.) Nietzsche/Deleuze: arte, resistência. Simpósio Internacional de Filosofia, 2004. Rio de Janeiro: Forense Editora; Fortaleza: Fundação de Cultura, Desporte e Turismo, 2007.

WUNDER, Alik. Foto quase grafias – o acontecimento por fotografias de escolas. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas-SP, 2008.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Elenise Cristina Pires de Andrade**

As lentes, os olhos, os fundos, os vazios. Licenciatura em Ciências Biológicas pela Faculdade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1987). Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002) per-correndo pela Proposta Curricular de Ciências do Estado de São Paulo e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2006) em ex-cri(p)tas que ex-(s)correm em corredores curriculares em companhia de imagens, professores/as, Gilles Deleuze e tantas outras

gentes, ideias e ex/pressões. Professora do ensino médio em biologia e no ensino superior em Pedagogia. Pesquisadora convidada do Grupo Olho da Faculdade de Educação da Unicamp e pesquisadora associada junto ao Labjor (Unicamp). Experiências na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de ciências/biologia, formação de professores, imagem e pós-modernidade. Atualmente faz parte da equipe do projeto "Biotecnologias de rua", que pretende, pela produção de artefatos artísticos, produzir uma interação entre imagens, biotecnologias e público. É sub-coordenadora, junto com a Prof. Dra. Susana Oliveira Dias e a Profa. Dra. Alik Wunder, de dois outros projetos derivados do Biotecnologias de Rua: "Num dado momento - biotecnologias e culturas em jogo" e "Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias". É professora visitante no Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Ilhéus, BA, na área de Ensino de Biologia.

### **Sheyla Cristina Smanioto Macedo**

Graduanda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2008, tendo estagiado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp) e desenvolvido pesquisas de iniciação científica atinentes à potência política da ficção sob orientação de Susana Oliveira Dias e financiamento do SAE-Unicamp. Atualmente, desenvolve pesquisa de iniciação científica - financiada pela Fapesp e sob a orientação de Susana Oliveira Dias e Carlos Vogt - que propõe um diálogo entre *A invenção de Morel* (Bioy Casares), *Sobre a verdade e a mentira* (Nietzsche) e a divulgação científica, destacadamente no que se refere: às possibilidades do registro e da criação, o sobreviver (de memórias, de pessoas) que se engendra pela máquina da escrita, a escrita capaz de realizar na dissimulação e na mentira. Participa da equipe dos projetos: "Biotecnologias de rua"; "Num dado momento - biotecnologias e culturas em jogo"; e "Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias". Trabalha nas experimentações imagem-escrita do Blog do Calçadão, desenvolvido no contexto do projeto "Biotecnologias de Rua"; escreve contos/crônicas, sendo alguns premiados em concursos e publicados em revistas temáticas. Atualmente pesquisa sobre: potências da escrita para desatar o destino, a palavra mágica nas narrativas míticas, etc.

### **Susana Oliveira Dias**

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1995), mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002) e especialista em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp, no grupo de pesquisas Humor Aquoso do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho), pesquisando as potencialidades pedagógicas dos papéis (jornal, revista, internet, TV, tela do cinema, pintura, fotografia) no encontro com conceitos de Gilles Deleuze: acontecimento, fabulação e signo. Atualmente é pesquisadora C do Labjor, professora nos cursos de especialização em Jornalismo Científico e no curso de pós-graduação Mestrado em Divulgação Científica do Labjor, editora da revista de jornalismo científico **ComCiência** e coordenadora do Mestrado em Divulgação Científica do Labjor. Faz parte da equipe do projeto "Biotecnologias de rua" (financiamento CNPq) e é sub-coordenadora, junto com a Prof. Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade e a Profa. Dra. Alik Wunder, de dois outros projetos derivados do "Biotecnologias de Rua": "Num dado momento - biotecnologias e culturas em jogo" (financiamento Preac-Unicamp) e "Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias". (financiamento MEC/MINc).